

A recessão e a (in)suportável leveza de 1991

Antônio Pastori *

Desde que a síndrome do catastrofismo se instalou como modismo de final de ano, muitos têm procurado obter informações acerca da tal "recessão" e seus efeitos para 1991. As turbulências que vêm ocorrendo na economia nacional, dada a desaceleração nas vendas, desemprego, aumento nas falências, concordatas e protestos de títulos, estão fazendo com que se "pinte" o diabo da recessão mais feio do que ele é.

Recessão, traduzindo para o mais simples economês, representa, entre outras, uma queda no PIB em certos setores. Seria um ajuste cíclico na economia, onde o excesso de gordura (oferta de produtos maior que a capacidade de consumo) é "queimado" de uma forma seletiva (só os mais fortes sobrevivem). Este é o aspecto "benéfico" do ajuste que a recessão provoca em uma economia, mais especificamente em certos setores. Particularmente, não faria disso uma regra, uma vez que, no Brasil, tudo pode ser diferente.

O aspecto negativo refere-se ao achatamento dos salários e, o pior, o drama social dos desempregados e seus efeitos globais sobre o consumo, envolvendo toda cadeia produtiva de bens e serviços da economia. É o que se chama de ajuste perverso, embora caiba o seguinte reparo: na realidade, estima-se que apenas 60% da força produtiva nacional tem carteira assinada. Os 40% restantes vivem à sombra da economia informal, desamparados de leis e sindicatos. Portanto, não engordam as estatísticas oficiais dos efeitos recessivos.

Mas a recessão, normalmente, dura pouco: um a dois anos, no máximo. Há exceções, é claro. Teoricamente é apenas uma das etapas dos ciclos de ondulação de Wesley, que se inicia pela fase da prosperidade, seguida pelas fases de recessão, depressão e reajustamento, retornando em seguida para uma nova fase de prosperidade, e assim por diante... A duração de cada fase varia de país para país (vide a recessão argentina).

Pior mesmo é a depressão. Essa sim, dá arrepios só de pensar nos estragos. Os Estados Unidos tiveram, neste século, 8 ou 10 recessões, se não me engano, e vão muito bem obrigado. Mas tiveram uma grande depressão que transformou o "american dream" em pesadelo. Vale a pena abrir aspas para lembrar alguns aspectos deste fenômeno:

"Na América da década de 20, os índices de prosperidade eram visíveis por toda parte. Havia emprego para 45 milhões de trabalhadores que ganhavam US\$ 87 bilhões em salários, rendas, lucros e juros. Raro era o político que não incluía em seus discursos frases como — Dentro em breve avistaremos, com a ajuda de Deus, o dia em que a pobreza será banida do país".

Não havia muito exagero nessas palavras. Uma família média americana comia, vestia-se e vivia melhor em tudo que qualquer outra família média do resto do mundo. A nação estava dominada por uma visão extremamente otimista. Poupança 15 dólares por semana e investindo em ações, um trabalhador teria, ao final de 20 anos, um patrimônio de 80 mil dólares e garantiria uma renda líquida mensal de 400 dólares.

Impulsionados por esta visão, todos jogavam no mercado de ações, do simples engraxate ao mais respeitável banqueiro e, ao final, se perguntavam — por que não tinham pensado antes nesta forma de enriquecimento?

Tudo ia muito bem, até que, um certo dia, mais precisamente numa quinta-feira, 27 de outubro de 1929, "foi como se as Cataratas do Niágara irrompessem subitamente pela janela, dado o volume de ordens de vendas de ações que inundaram o mercado repentinamente", segundo declarações de um corretor da época.

Após dois meses de tresloucadas vendas os vestígios da destruição eram impressionantes: cerca de US\$ 40 bilhões em ações simplesmente desapareceram. O cidadão do exemplo anterior, se tivesse iniciado a montagem de sua carteira em 1909, teria agora pouco mais de 4 mil dólares... O mercado de ações literalmente virou pó. Cerca de 9 mil bancos e 85 mil empresas faliram. A renda nacional caiu mais de 50%.

Em pouco tempo desaparecia do mercado um

exercício de 14 a 19 milhões de trabalhadores e, junto com eles, o que a América tinha de mais valioso: a esperança!

As sombrias piadas da época são reveladoras do estado de espírito. Dizia-se que "pela compra de qualquer ação o comprador recebia também um revólver de bonificação e, quando se alugava um quarto de hotel, o gerente perguntava se era para dormir ou pular!"

As causas que levaram os EUA a esse colapso são um pouco complexas e suas explicações fogem do propósito deste artigo. Além disso, a realidade de hoje é bastante diferente, quer na América, quer no Brasil. Portanto, ainda estamos longe de uma depressão, embora toda a economia mundial também esteja passando por uma recessão. 1991 será, sobretudo, um ano de grandes ajustes.

Mas se o Brasil não fizer seus ajustes, certamente estaremos à beira de uma depressão. Reproduzindo trechos do discurso supor-tável do presidente, é preciso acabar com o protecionismo do Estado, com os monopólios, com a ineficiência dos fatores fixos e variáveis da produção. O velho Brasil cartorial precisa deixar de ser carroça.

Nesse ponto o governo está correto. Seu grande erro é quanto à extensão da variável tempo. Não é fácil mudar um país de dimensões continentais, cheio de vícios, contrastes e protecionismo. MOTONETA não vira KAVAZAQUI de uma hora para outra. Modernidade sim, mas a médio prazo.

De agora em diante o Brasil não poderá se dar ao luxo de jogar no lixo, anualmente, cerca de 10% do PIB (algo próximo à bagatela de 35 bilhões de dólares).

Perde-se 25% na construção civil. Na indústria, a perda fica também próxima a esse percentual devido a falhas na produção e rejeição por parte dos clientes ou no controle da qualidade (quando existe). Na produção agrícola, o imoral recorde de 40% de perdas é digno de figurar no Guinness Book. Reflexos de uma era de vultosos ganhos inflacionários e margens de lucro elevadíssimas?

No curto prazo o fator mais importante para comercialização não será apenas quanto ao preço, mas a qualidade. O Código de Defesa do Consumidor será uma das grandes novidades para 1991 e vai pegar muita gente que não se adaptar a essas novas exigências. Produzir com maior eficiência e qualidade e a menores custos será fundamental — competitividade, minha gente!

Tentando decodificar a caixa preta nº 1991, os criptógrafos de plantão anunciam que, provavelmente, "a política fiscal e monetária será mantida, haverá elevação na carga tributária e intensificação nas ações do Fisco; serão necessários mais que uma dúzia de "ipõns" e desemprego para que a inflação caia; os juros continuarão altos e o arrocho salarial persistirá; não ocorrerá nenhum novo confisco de poupança e aplicações financeiras mas poderá haver algum congelamento ou restrições para aumento de preços de certos produtos da cesta básica; o governo deverá ser menos autoritário; a Constituição federal deverá sofrer algumas mudanças; e, enquanto a Lei de Gerson prevalecer, o tal pacto social não sai de jeito nenhum.

Nesse cenário, algumas empresas ainda vão quebrar. Mas o País não vai quebrar. Em março de 1938, quando o mundo estava sob a ameaça de uma iminente destruição pelo choque de um grande planeta com a Terra, Assis Valente (que felizmente era compositor e não economista) captou muito bem, em um magistral samba, o clima daqueles dias, e Carmen Miranda assim cantou: "anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar (...) e até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada (...) acreditei nessa conversa mole (...) e fui sem demora tentando aproveitar/beije na boca de quem não devia/ peguei na mão de quem não conhecia (...) vai ter barulho e vai ter confusão/ porque o mundo não se acabou".

* Analista de projetos do BNDES. Professor do curso de Economia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).